

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
HABILITAÇÃO LÍNGUAS, ARTES E LITERATURAS (LAL)

EDILSON GOMES DE OLIVEIRA

GRUPO CULTURAL XAKRIABÁ: KÂMRÃMKÔ AWRÂWDÊ

BELO HORIZONTE
2024

EDILSON GOMES DE OLIVEIRA

GRUPO CULTURAL XAKRIABÁ: KÂMRÃMKÔ AWRÂWDÊ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação Intercultural Para Educadores Indígenas (FIEI), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas.

Orientadora: Professora Dr^a Clarisse Maria Castro de Alvarenga

Belo Horizonte
2024

Dedicatória:

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que tiveram uma grande contribuição para que apesar das dificuldades eu conseguisse desenvolver esse trabalho e vencer esses 4 anos de curso, em específico dedico pra minha mãe que quando viva sempre me incentivou a estudar e correr atrás dos meus objetivos.

Dedico ao meu pai, meus irmãos(ãs) primos, amigos, aos meus dois filhos Ainākrā e Sidakrā, aos caciques, lideranças, e toda minha família de modo geral que sempre foi a base de tudo.

Agradecimentos:

Eu Dilsim Knîrê Xakriabá primeiramente agradeço ao nosso grande criador Deus (Waptôkwa Zawre), aos nossos encantados, as nossas forças, por me conceder a oportunidade de passar por esse processo de muito sucesso que foi ingressar, estudar e formar na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) de forma produtiva e com muitos conhecimentos adquiridos.

Agradeço aos professores, diretoria e toda Faculdade pela paciência, compromisso, acolhimento e os compartilhamentos de conhecimentos.

Agradeço a Jucyrema (Jhú Xakriabá) por sua enorme contribuição no desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço todos os guerreiros e guerreiras do grupo Kâmrâmkô Awrâwdê Xakriabá, por todos os segmentos, respeito, alegria e fortalecimento.

Agradeço também os caciques, as lideranças, pela luta, confiança, e todo apoio em prol das melhorias para o nosso povo.

Agradeço os meus entrevistados, Vanda Xakriabá, Nemerson (Nemin Psêkwa Xakriabá), Isael (Kaktôkârê Xakriabá) e Pajé Déda (Sirêpte Xakriabá) por concederem as entrevistas, pelas conversas, e por fazer parte de todo o processo desse trabalho.

Agradeço a minha mãe (em memória), meu pai, meus irmãos, irmãs, tios, tias, sobrinhos, sobrinhas, amigos e toda minha família em geral que é a minha base, e por estar sempre comigo dando suporte em todos os momentos, transmitindo força energia e alegria.

Agradeço à minha orientadora Cláisse Alvarenga, pela paciência, cuidado, e pelo suporte durante todo o processo de realização do trabalho, e agradeço todos aqueles que de certa forma contribuíram com o meu trabalho

Gratidão a todos!

Ariâtâ!

Resumo:

Este trabalho teve como objetivo dar destaque às ações e o importante papel do grupo cultural Kâmrãmkõ Awrãwdê para a manutenção e fortalecimento das práticas tradicionais do povo Xakriabá. Considerando que o grupo trabalha em prol do fortalecimento da identidade cultural Indígena Xakriabá, sendo a principal referência para os demais grupos do território, essa pesquisa visa contribuir para o registro da história desse grupo. Para esse registro foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com integrantes do grupo cultural. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Além disso, realizou-se gravações das ações práticas do grupo em forma de vídeos, imagens e áudios, verificando os efeitos benéficos no que se refere a manutenção cultural a partir das ações praticadas pelos seus integrantes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
SEGMENTO DO GRUPO KÂMRÃMKÔ AWRÃWDÊ	12
ANCESTRALIDADE, ESPIRITUALIDADE E PROTEÇÃO	13
KÂMRÃMKÔ AWRÃWDÊ: NA MESMA PISADA! NA MESMA VOZ!	17
COMPARTILHAMENTO E APRENDIZADO A PARTIR DOS ENTREVISTADOS!	18
ENTREVISTAS	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	446

Apresentação do autor

Meu nome é Edilson Gomes de Oliveira. Moro na Aldeia Brejo Mata Fome, na reserva Indígena Xakriabá, município de São João das Missões, Norte de Minas Gerais. Sou

pertencente ao povo Xakriabá. Nossa território é constituído por 36 aldeias, aproximadamente 53 mil hectares e cerca de 12 mil índios. Nós somos representados por 4 caciques e 36 lideranças. Nós, Xakriabá, temos o nosso território demarcado, devido à luta incansável dos nossos anciões, que lutaram para que pudéssemos permanecer aqui e assim garantir que essa geração ocupasse o espaço ao qual nós pertencemos.

Após a demarcação, continuamos lutando pela educação diferenciada e por muitos outros direitos que haviam sido retirados. O meu povo é resistência pelo fato de resistir às batalhas que foi obrigado a enfrentar, no qual houve o derramamento de sangue sob a nossa terra sagrada. Foi um dos piores massacres que aconteceram em terras indígenas e foi uma das maiores perdas para o meu povo.

Na minha infância foi um pouco difícil. Naquela época meus pais não tinham boas condições de vida. Às vezes passávamos por várias dificuldades relacionada a falta de alimentos e também de vestuários. Minha família não tinha renda nenhuma. Apenas sobrevivíamos do cultivo da roça, da caça, da pesca. Por sermos uma família grande, a maior parte da nossa colheita mal dava para ir até o próximo ano. Muitas vezes o meu pai era obrigado a deslocar para outros estados em busca de trabalho e melhoria para nós, filhos.

Naquela época, o pouco que recebia, custava chegar, pois não tinha acesso a bancos entre outros. Para esse recurso chegar à aldeia era preciso alguém deslocar para trazer. Também um dos fatores que tornavam essa estadia difícil era a imensa saudade dos familiares, que ficavam de 6 meses a 1 ano sem vir para o território. Mas, mesmo assim, muitos pais de família preferiam fazer dessa forma para não ver um filho passando fome.

Nasci em 1996, no ano seguinte, no território, iniciava-se a educação escolar indígena dentro do território Xakriabá, com professores indígenas. Foi uma grande conquista para meu povo, pois iríamos ter uma educação diferenciada dentro das nossas aldeias. Aos 7 anos de idade, iniciei minha trajetória na escola, onde também encontrei muitas dificuldades, porque tinha que trabalhar e estudar ao mesmo tempo. As nossas condições eram difíceis devido à falta de recursos, por esse motivo éramos obrigados a trabalhar para ajudar nas despesas e garantir o próprio sustento. Mas com todos esses obstáculos, aos 8 anos, fui alfabetizado. Enfrentava todos os dias uma longa caminhada de cerca de 6 quilômetros até a escola, onde muitas vezes tive que lutar contra a fome e também contra o frio, chuva e calor. Às vezes adoecia, mas mesmo assim jamais pensava em desistir.

Durante o período da minha alfabetização, foi uma grande conquista para toda a minha família, que sempre sonhavam em nos ver formados. No ano 2012, formei no 9º ano do ensino

fundamental. Foi mais uma etapa concluída de muitas que iria enfrentar. Continuei percorrendo em busca da minha formação.

Em 2015, finalmente conclui o 3º ano do ensino médio. Foi uma das minhas maiores conquistas, e neste mesmo ano tive também umas das maiores perdas da minha vida, que foi a perda da minha mãe. Diante disso decidi que jamais iria parar de lutar para realizar o meu sonho e o sonho também dela, que era de me tornar educador indígena, para transmitir aquilo que aprendi durante toda a minha trajetória, trajetória essa que foi marcada pela presença de educadores indígenas. Me orgulho em falar que a minha educação foi através da escola pública e com professores indígenas.

Depois da minha formação, continuei lutando, pois queria de alguma forma ajudar a minha comunidade. Sempre que podia, ouvia os anciões e outros sábios das aldeias. Procurava sempre dialogar com caciques e lideranças, para ficar informado a respeito do território Xakriabá. Isso foi um dos fatores para que em 2017 eu fosse um dos escolhidos pelos caciques e lideranças para atuar no quadro de servidores da educação na minha escola.

Encarei essa oportunidade pois sempre quis atuar na escola e acredito que, ao trabalhar em parceria com caciques e lideranças, o trabalho se torna mais fácil e proveitoso, pois tudo aquilo que é feito com dedicação é para a vida toda. A gente nunca aprende tudo, tem sempre que buscar conhecimentos com aqueles que tem algo novo para nos ensinar. Por isso busco no dia-a-dia novos conhecimentos com os sábios da aldeia, tenho uma boa relação com eles. Sempre que preciso, eles estão dispostos a ajudar em prol do melhor para o meu povo.

Procuro aprender cada dia mais com pessoas que têm um vasto conhecimento da nossa língua Akwe e pronuncio diversas palavras no nosso dialeto. Isso só foi possível através de muita luta dos nossos anciões para resgatar e revitalizar a língua. Também sempre estou nas principais frentes de luta do meu povo juntamente com as lideranças e caciques.

Acho muito importante os movimentos indígenas que visam a busca dos direitos de um povo. A luta coletiva possibilita um ganho de todos. Diante desse fato pude presenciar no ATL (Acampamento Terra Livre) de 2017 a luta coletiva de todos os povos indígenas do Brasil, que ali se reúnem para discutir vários assuntos e garantir o direito ao seu território, e lutar contra os retrocessos daqueles que dizem governar o Brasil.

Na minha comunidade também sou conhecido por fabricar alguns artesanatos, que aprendi com outros artesãos que já faziam. Depois de algum tempo tive o dom de aprender a fazer o rapé, que é uma medicina sagrada e espiritual para o nosso povo. Através do rapé nos comunicamos com nossos ancestrais. São eles os responsáveis pela nossa sabedoria que nos

guias nas tomadas de decisões importantes. Através desses novos conhecimentos se adquire o dom da pintura que nos fortalece espiritualmente.

Isso tudo são conhecimentos de extrema importância que compartilho na sala de aula com os alunos e com os jovens do meu cotidiano. Estamos em constante troca de saberes. Assim busco fortalecer e reforçar a cultura do meu povo Xakriabá. Porque um povo sem cultura é um povo sem história. Por isso sempre mantendo os meus costumes para passar às novas gerações. Quando os nossos mais velhos se forem, esse papel será nosso. Não podemos deixar morrer esse conhecimento tão valioso para a nossa existência. Como professor indígena só tenho a acrescentar nessa área, porque sou filho da luta.

O meu interesse pelo curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) é expressamente pelo fato de contribuir com o meu povo. Como já exerço o papel de educador, o ingresso no curso iria fortalecer ainda mais o meu conhecimento e enriquecer a educação dos meus estudantes. Será um grande passo para minha caminhada e uma conquista para o meu povo, pois acredito que a conquista é coletiva. Pretendo também me dedicar ao máximo para que outros jovens possam ter o sonho de ingressar numa faculdade. Temos que valorizar e muito a luta daqueles que não mediram esforços para possibilitar a nossa entrada nas universidades.

O curso na habilitação de Línguas Artes e Literatura despertou um enorme desejo de enriquecer os meus conhecimentos para poder ajudar aqueles que estão lutando para conquistar os nossos espaços, espaços esses que por direito devemos e pretendemos ocupar sem exceção. Com essa habilitação eu me identifico bastante, pois, como citei, a língua faz parte da cultura e do cotidiano do meu povo. Se unirmos tudo isso, acredito que será uma expansão de conhecimentos que quero aprender e repassar ao meu povo Xakriabá.

Introdução

O povo Indígena Xakriabá está localizado na Terra Indígena Xakriabá, município de São João das Missões, região norte de Minas Gerais. O território é constituído por 36 aldeias

que se distribuem em aproximadamente 53 mil hectares, com índice populacional de cerca de 12 mil indígenas, representados por 4 caciques e 36 lideranças. O território Xakriabá foi demarcado devido à luta incansável do povo, lideranças e anciões, que lutaram incansavelmente pela permanência em sua terra tradicional, garantindo que a nova geração ocupasse o espaço que é deles por direito.

O direito pela ocupação de uma terra digna e demarcada é, historicamente, uma das principais reivindicações do movimento indígena no Brasil. A garantia pelo território tradicional configura-se também como a garantia das práticas culturais ancestrais, uma vez que é nesse espaço que são realizados os ritos ancestrais dos povos tradicionais. Nesse sentido, a demarcação do território Xakriabá foi extremamente relevante para a conservação das práticas tradicionais do povo Xakriabá.

Nesse cenário de luta e manutenção cultural foram se formando diversos grupos culturais dentro do Território Xakriabá, distribuídos entre algumas aldeias do território, com ações direcionadas à preservação cultural. Um dos grupos mais antigos formado e que se mantém ativo até os dias atuais é o Kâmrãmkô Awrãwdê, composto por jovens e anciões que tem como principal ação a continuidade das tradições indígenas Xakriabá.

Este trabalho teve como objetivo dar destaque às ações e o importante papel desse grupo cultural para a manutenção e fortalecimento das práticas tradicionais do povo Xakriabá. Considerando que o grupo trabalha em prol do fortalecimento da identidade cultural Indígena Xakriabá, sendo a principal referência para os demais grupos do território, essa pesquisa visa contribuir para o registro da história desse grupo.

Para esse registro foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com integrantes do grupo cultural. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Além disso, realizou-se gravações das ações práticas do grupo em forma de vídeos, imagens e áudios, verificando os efeitos benéficos no que se refere a manutenção cultural a partir das ações praticadas pelos integrantes do grupo Kâmrãmkô Awrãwdê.

Os registros que foram feitos são importantes para o estudo das práticas culturais do grupo e também podem ter um uso posterior no sentido da divulgação de sua atuação dentro e fora do território. Num primeiro momento nosso objetivo era fazer registros para compreender melhor a atuação do grupo e sua história.

Segmento do Grupo Kâmrãmkô Awrãwdê

O grupo Kâmrãmkõ Awrãwdê é um grupo que tem como referência duas aldeias: aldeia Imbaúba e aldeia Brejo Mata Fome. Porém tem participantes de outras aldeias também. Só que a maioria dos integrantes são dessas duas aldeias. É um grupo que se destaca por ser um dos primeiros grupos culturais que surgiu no Território Indígena Xakriabá. Hoje praticamente todas as escolas ou quase todas as aldeias têm um grupo cultural, mas foi surgido depois desse grupo cultural Kâmrãmkõ Awrãwdê que foi pioneiro.

É um grupo que surgiu desde os nossos antepassados, da época de Cacique Rodrigão e muitos outros que já se foram. Era um grupo restrito, que praticava a nossa cultura de forma mais resguardada, não exposta. Era um grupo que seguia todas as normas de respeito e tradição. Fazia o que podia e respeitava o que não podia fazer. Hoje a gente dá continuidade nesse processo.

Digo que o grupo nosso hoje ele é muito forte culturalmente, e espiritualmente, porque a gente segue uma trajetória que já vem desde os nossos ancestrais, que envolve sempre praticar a cultura e fortalecê-la cada vez mais. E assim os mais velhos repassam para a gente, e a gente também está repassando isso para os mais novos, para não deixar morrer e sim fortalecer cada vez mais.

Digo também que o grupo nosso é um grupo mais forte espiritualmente, porque hoje a gente trabalha essa questão da espiritualidade dentro do grupo, que é um dos fatores principais dentro da nossa cultura, uma das nossas ferramentas de luta indispensável. Diante disso, sempre nos nossos encontros a gente se reúne, conversa sobre isso e, em seguida, repassa aos mais jovens.

A gente sempre segue uma linha ali, ouvindo os nossos caciques, lideranças, os anciões do nosso grupo e do nosso território em geral. Sempre que a gente vai fazer os nossos fortalecimentos, a gente faz aquilo que pode. Dependendo do momento, se tem algo que não pode, a gente acaba sofrendo consequência, a gente acaba pagando por aquilo. Por isso que sempre a gente só faz aquilo que é permitido. O que não é permitido no momento, a gente respeita e espera o momento certo para que a gente possa estar fazendo também.

1. Ancestralidade, espiritualidade e proteção:



O grupo Kâmrāmkō Awrāwdê
É forte na espiritualidade
Temos uma grande conexão
Com a nossa ancestralidade

Essa força é ancestral
Que vem dos antepassados
Aqueles que praticavam
O nosso grande sagrado

Isso tudo faz parte
Da nossa tradição
Pois vem sendo passado
De geração pra geração

Os nossos mais velhos
Praticavam com restrição
Pois é uma arma potente
Na hora da aflição
Que já nos livrou do mal
E da unha do tubarão

Eles faziam tudo certinho
Com cuidado e muito respeito
Os segredos da cultura
Guardavam dentro do peito

Quando falavam da iá iá
Todos prestavam atenção
Pois é a protetora do grupo
E de toda a nação

Todos ouviam quietinhos
Nossos mais velhos falar
Sobre a nossa protetora
Aqui do Xakriabá
Conhecimentos preciosos
E Bom de aproveita

Finalizo esse trecho
Falando dos antepassados
Que iniciaram esse grupo
Trabalhando com cuidado
Grupo esse de Rodrigão
Um líder forte e respeitado

2. Kâmrãmkô Awrâwdê: Na mesma pisada, na mesma voz!



Agora vou falar um pouco

Como funciona hoje em dia
Os segmentos do grupo
É só força e alegria

Seguimos da mesma forma
De como era antigamente
Tendo o máximo respeito
Que foi transmitido pra gente

Praticamos nossa cultura
Com muita sabedoria
Fortalecendo cada vez mais
As nossas energias

Sempre fazemos nossos encontros
Para nos fortalecer
Todos juntos reunidos
Da forma que tem que ser

E dando continuidade
Do que foi passado pra nós
Todos na mesma pisada
E todos na mesma voz

De maneira respeitosa
Todos precisam saber
E temos muito o cuidado
Do que pode ou não fazer

Tem a questão do luto
Do povo Xakriabá
Quando perdemos um parente
Temos que respeitar
Pra não vir consequências



Que vão nos prejudicar

Por isso é importante
Essa questão do respeito
Tomando muito cuidado
E fazendo tudo direito

Quando não podemos dançar
O maracá não pode bater
Aí fazemos o nosso festival
Para nos fortalecer

Esses momentos acontecem
Na beira de uma fogueira
Com muita concentração
Fora de brincadeira

Quando estamos reunidos
Aqui eu vou falar
Que temos hora pra início
E não temos pra terminar
De praticar nossa cultura
Indígena Xakriabá

É nesse mesmo caminho
Que vamos continuar
Pra que as novas gerações
Nunca pare de lutar

Finalizo esses poemas
Com muita gratidão
Deixando um pouco escrito
Com muita dedicação
E agradeço a todos



Do fundo do coração

3. Compartilhamento e aprendizado, a partir dos entrevistados!

Os meus entrevistados
deixo escrito para você
pajé Deda, Vanda e Psêkwa
e o guerreiro Kaktôkârê

Nas falas de Vanda Xakriabá
ela deixou bem relatada
que o surgimento do grupo
foi junto com a escola diferenciada

Durante a entrevista
a guerreira Vanda veio falar
que esse grupo é muito importante
para nosso povo Xakriabá

Relatou que entre os jovens
existem os compositores de canção
as músicas são pensadas
segundo a própria tradição

falou que as músicas
vem do saber ancestral
que guiam o nosso grupo
na nossa prática cultural

Se tratou da língua materna
que é de grande importância
estamos no processo de desadormecimento
sem perder a esperança

Esclareceu também
sobre a espiritualidade
algo que acreditamos

da nossa ancestralidade
todos juntos respeitando
porque é nossa identidade

Ela deixou bem resumido
do início até o final
sobre a trajetória do grupo
e sua força cultural

O pajé Deda por sua vez
guerreiro de muito entendimento
iniciou suas falas
sobre o seu conhecimento

Falou de quando tudo iniciou
como era a estrutura
e seu primeiro trabalho
como professor de cultura

depois entrou na parte
da medicina tradicional
de todo procedimento
da cura ancestral

destacou o guerreiro Zé Alves
como um grande entendedor
da língua akwẽ Xakriabá
ele foi o primeiro professor

Nas falas de Vanda e Deda
nota-se uma questão interessante
com relação à língua materna
Zé Alves foi uma pessoa muito importante



E finalizou dizendo
do Cacique Rodrigão
que foi a base de tudo
e de toda essa nação
lutou de corpo e alma
em prol dessa geração

Kaktôkârê e Psêkwa são jovens
participantes do grupo na atualidade
destacaram que aprenderam muito
com os mais velhos da comunidade
Eles relataram bem claro
suas sabedorias
dentro do grupo sagrado
é só força e alegria

pois já nasceram na cultura
que é de grande importância
e pra praticar nossa tradição
eles não medem distância

Falararam sobre a importância
de preservar sua cultura
pois ela está presente no passado
no agora, e na vida futura

que tem que valorizar
as histórias dos antepassados
pois onde a gente pisa
eles caminham ao nosso lado

sempre param para ouvir
nossos mais velhos falar
pois são eles os livros vivos

que vão sempre nos ensinar

Aqui finalizo esse trabalho
dos meus entrevistados
e foi através deles
que tudo foi realizado.

Vanda Xakriabá



Então, vou começar a falar um pouco aqui do surgimento do nosso grupo de cultura. Acho que foi um anseio assim muito grande com relação à expectativa da cultura, porque ela surgiu juntamente com a criação da escola indígena específica diferenciada pro Xakriabá. Me lembro bem que, pra nós, a gente vivenciava a cultura, mas só que a gente não presenciava de forma como no grupo, devido às formas de como a gente abordava a cultura. Também a gente tinha que deixar de praticar a cultura devido às ameaças que a gente tinha do pessoal não indígena contra a nossa cultura. Achando que a nossa cultura era um ato que, de repente, era para poder coagir eles de uma certa forma, e a gente tinha um certo medo também de praticar a cultura. Então, devido ao surgimento da escola específica diferenciada, nós tentamos buscar também com os pajés, os raizeiros, os benzedores e a partir daí eu me lembro que uma pessoa assim que eu tenho como uma referência pro Xakriabá, seu Emílio, da Pedra Redonda, ele foi uma pessoa de referência no início do grupo cultural, da criação do grupo cultural, ele pensou nesse momento com a gente, ainda no curso do Magistério, lá em 96, 98, 99, 2000. Ele pensou de que forma a gente traria o incentivo da prática cultural para a escola.

Em 97, 98, 99 ele participava também dos módulos da Formação Intercultural Indígena, como convidado, representando o povo Xakriabá, no Parque do Rio Doce, e a partir daí também a gente começou a conversar um pouco com relação às práticas culturais. E tem uma pessoa também que é muito importante, que a gente não pode deixar de falar da importância dele, Zé Alves.

Então Zé Alves, de uma certa forma, ele tinha essa cosmologia que vinha pra ele, dentro ali dessa ancestralidade do povo xakriabá. Então ele tentava mostrar pra gente ali, ele ficava

um tempo doente, ele tentava mostrar pra gente um pouco da cultura, ele dançava, ele cantava. E, também veio essa espiritualidade pra ele dentro do curso do magistério no Parque do Rio Doce. Ele acabou ficando doente por conta disso, que ele queria muito estar mostrando e de uma certa forma ali a gente ainda tinha esse receio, esse medo de praticar a cultura dentro do xakriabá.

Então, a partir daí, a gente começou a ver melhor, a conversar melhor com os pajés, com a liderança, e fizemos aquilo que a gente realmente precisava naquele momento ali: estar montando o nosso grupo cultural dentro do território de xakriabá.

Lembro também assim que foi no início do curso, os professores do magistério pediam para a gente também apresentar algo que falasse da cultura, e eu me lembro que para a gente era bem difícil, porque naquele momento eu não estava preparada. A gente não entendia também um pouco com relação a tudo isso, devido às represálias que a gente sofria também, então a gente também não tinha como mostrar ali. Eu me lembro que ainda a Cida do senhor Emílio e Zé Reis arriscou a cantar uma música cultural do povo xakriabá, e que também, essa forma de como eles trouxeram a questão dessa música pra gente foi muito marcante naquele momento, era uma coisa que a maioria não sabia, mesmo assim, ou que vivia, mas também aquilo ali era normal pra gente, não precisava estar representando. Naquele momento ali a gente começou a pensar de que forma poderia estar formando o grupo cultural. Eu me lembro que começou pelo seu Emílio na sala de aula, dando aula de música xacriabá. Ele apresentava então as músicas xakriabá, e a partir daí também a gente começou a acompanhar ele dentro da sala de aula também. A partir daí começou a montar um grupo cultural. Me lembro da escola nossa, que é a Bukimujú, e aí foi expandindo para as outras aldeias que também, a partir daí começaram a montar o grupo deles nas demais aldeias.

A gente viu que poderia estar montando um grupo na aldeia e que esse grupo seria o grupo de referência, e que até hoje a gente tem esse grupo como referência. E aí veio o professor de cultura Deda, que a partir daí também deu mais essa força para a gente. Veio o professor de cultura Neguim, que também a gente começou com os jovens, com as crianças a cantar e também a praticar as pinturas e buscar as histórias da pintura.

Esse momento foi um momento muito interessante para a gente. Esse grupo trouxe uma importância grande para povo xakriabá em si, mostrar também a importância dessa resistência de luta do povo xakriabá, então a partir daí a gente também começou a praticar, a cantar nos momentos festivos, nos momentos culturais, e que a gente também participa dos movimentos, e a participação, a gente como membro do grupo, ela é bem importante também.

Eu vejo essa importância muito grande com relação a tudo isso, porque quando vi o surgimento do grupo, eu não poderia deixar de não participar desse grupo, porque pra gente assim foi um momento bem importante, principalmente na criação da escola específica diferenciada, e a partir daí também a gente começou a nos organizar como povo xakriabá.

Como escola indígena específica diferenciada, a gente começou a buscar com os nossos mais velhos. Então tudo isso é fruto do surgimento da nossa escola específica diferenciada. Então para a gente aquele momento ali foi um momento bem importante na história, no marco da escola Xakriabá, foi essa parte da cultura. Então tudo isso veio através do surgimento também da escola específica diferenciada. Não que não tinha, tinha sim. O pessoal já praticava a cultura, o pessoal já tinha, mas a gente não percebia, a gente tinha ela ali, mas a gente não percebia.

Foi assim que a gente começou com o grupo. A partir do curso do magistério que a gente também começou a entender o que seria a cultura do povo xakriabá, os costumes, a tradição. Então a partir daí também a gente começou a juntar tudo isso. Buscar com os mais velhos, porque a gente sabe que a nossa existência vem dos mais velhos e a gente não podia deixar tudo isso acabar. A gente começou a pesquisar também tudo isso que é importante para o nosso povo xakriabá.

Enquanto membro do grupo, eu vejo que esse foi um dos componentes bem importantes para o nosso povo, porque eu percebi que a partir daí também a gente começou a trazer muitos jovens para o grupo cultural. Esse grupo hoje que a gente tem na aldeia Brejo, esse grupo é bem importante, é um grupo das raízes antiga, a gente tem ele como grupo específico, diferenciado, não desmerecendo os outros grupos também, tem um grupo que nos ajuda também, que foi criado a partir desse grupo que a gente tem na aldeia Brejo. E a partir daí também a gente trouxe mais pessoas.

Nós temos hoje as pessoas que são os compositores do nosso grupo das músicas cultural Xakriabá, porque eles pesquisam com os mais velhos, buscam também a espiritualidade, buscam também a ancestralidade. A gente percebe de cada um que está dentro do grupo hoje Xakriabá. E esse grupo também é um momento de discussão mesmo, de luta também, não só especificamente da cultura, dos costumes e da tradição, mas ele também é um grupo de luta.

Eu entendo que esse grupo é um grupo que vai para a luta, é o grupo que sempre busca a melhoria para o povo Xakriabá, a importância de existir ali dentro do território. Percebendo também que a partir do surgimento do grupo cultural a gente começou com tudo isso. Estou a pesquisar algumas palavras no xakriabá também, que isso é muito importante. Inclusive hoje a gente já tem música com bastante palavras do povo xacriabá, da língua xacriabá, então a

gente fica muito feliz por a gente saber que tudo isso veio nesse intermédio de tempo que foi bastante importante para a criação desse grupo.

As reuniões do grupo acontecem de acordo com o movimento, de acordo com o que a gente tem para discutir, seja para buscar melhoria para o povo. A gente tem esse grupo como referência, o grupo cultural. A maioria das vezes acontece no espaço que a gente tem, que é um espaço sagrado, a gente tem aquele espaço ali como um espaço bem importante para a gente, onde era a moradia do nosso saudoso, Cacique Rodrigo. Isso para nós ali é muito importante. A gente tenta buscar as energias naquele momento e a gente acha que aquele espaço ali sagrado, onde que a gente consegue também concentrar melhor e renovar as energias.

Quanto à participação do grupo? As pessoas que realmente estejam engajadas na cultura, nos costumes, nas tradições e a gente tem conta também com várias outras pessoas de outras aldeias que fazem parte do nosso grupo. Então é um grupo assim que abrange praticamente a reserva toda. E esse grupo traz essa importância de luta, de conquista que a gente sempre percebe. E é um grupo que faz parte dos caciques, a liderança. A gente inclusive tem o Cacique Domingos, que é o membro também do nosso grupo.

É muito importante também onde que a gente discute, toda a história de luta, onde que a gente discute também os objetivos para acontecer dentro do território. Acho que os próximos passos que a gente tem aí é sempre estar reunindo, é sempre estar divulgando, é sempre estar buscando mais informações. Não parar por aqui. Esse grupo sempre está em movimento e a gente conta com esse grupo que sempre busca melhoria para o povo, sempre é um grupo que está na frente de lutas. Para a gente é muito importante para o nosso povo e também acho que esse grupo também é um grupo assim que ele sempre busca inovações, sempre busca as práticas, as teorias que tem sobre a cultura e também dentro do território assim as músicas. Hoje que a gente tem desse grupo mais recente nós temos os compositores que graças a Deus eles têm nesse perfil bacana de estar organizando, de estar produzindo, de estar buscando também com as mais velhas a questão da ancestralidade isso para a gente é muito importante o nosso grupo.

E dentro desse grupo também é bem importante o que a gente também busca o fortalecimento espiritual. Acho que é um grupo que, pra gente, ele faz a diferença na nossa vida, ele faz a diferença no pochakriyabá. Quando a gente canta, quando a gente pisa no chão, a gente sente a fortaleza do nosso território, dos nossos ancestrais. Então, pra gente, ela é muito importante, porque a gente busca toda essa força, toda essa energia dentro do grupo.

Retomando aqui o surgimento do grupo também, eu não poderia deixar de citar as pessoas que foram bem importantes para mim na questão, o surgimento do grupo, nesse momento o surgimento do grupo foi bem interessante, onde que a gente buscou também os mais velhos, eu inclusive vou citar aqui Tia Naia. Ela foi uma pessoa bem importante no surgimento do nosso grupo, onde que a gente também precisou buscar muita informação com ela. Ela nos informou, contou a história da cultura xacriabá para a gente, foi um momento bem importante, outra pessoa também bem importante na nossa vida também, no surgimento do nosso grupo foi Vicente da Catinguinha. Vicente Xacriabá, foi uma pessoa que era pajé, ele foi uma pessoa bem importante que deu maior força para a gente também. Montar o grupo cultural foi uma parte bem importante assim que a gente sempre buscou com os nossos mais velhos. Também não poderia esquecer de Vicente da Embalbo que deu a maior força para a gente está montando o nosso grupo. Maria de Louro também foi uma pessoa bem importante assim que ela nos ensinou como que a gente poderia agir diante de tanta situação, principalmente os ensinamentos dos mais velhos, o que podia ser feito, o que não podia. Então foi pra gente uma aprendizado muito grande. Meus avós, meu pai também foram pessoas bem importantes assim na construção do grupo cultural hoje que a gente tem aqui na nossa aldeia Brejo, Imbaúba, Terra Preta. Do nosso grupo, isso pra gente foi muito marcante, enquanto a minha participação no grupo, eu sou aquela pessoa que dialoga com o restante dos grupos, principalmente na participação da intervenção de viagens, também nos cantos, na forma de organizar reuniões, eu sempre estou presente participando.

Deda Sirêpte Xakriabá



Bom dia, bom dia a todos. Eu sou Deda Xakriabá, professor de cultura e um dos pajés do povo. Eu sou Deda Xakriabá, e falo um pouco aqui sobre os nossos culturais, um grupo na qual eu faço parte, que é a aldeia Kâmrãmkô. E aí, falo um pouco como surgiu esse grupo. Que esse grupo foi surgido a partir do momento, que a gente viu que era necessário, foi o momento que foi preciso a gente fazer a formação desse grupo. Temos, como referência, pajé Zé Conceição, o pajé Kâmrãmkô. Que para início vem um trabalho que é passado de geração a geração e aí já havia um bom tempo um grupo que era participando de alguns rituais entre

os quais tinha um ritual que era mais fechado e a gente viu essa necessidade de fazer parte desse outro grupo que foi formado agora então a partir do momento que a gente viu algumas pesquisas que vinha de fora da aldeia, pessoal de fora que vinha querendo saber um pouco da história do nosso povo, saber a realidade, como que seriam as nossas organizações, as organizações internas e sobre a nossa cultura, nosso jeito de vida, a resistência. Então primeiro vieram muitas pesquisas, tinha que ter pesquisa que os nossos anciões ficavam sem saber como fazer essas entrevistas, por isso é preciso ver mais de idade e lidar com alguns equipamentos também que é a questão mesmo dessa tecnologia. Então muitos ficavam nesse receio de como repassar esses informes, se esses informes iam dar conexões de o pessoal ir lá fazer essa avaliação e retornar com esses trabalhos para o território, para a continuidade e retornar para o nosso povo e aí foi onde que antes nós conseguimos focar nessa parte cultural, porque tinha coisas da nossa cultura. Que muito tempo ficou adormecida.

Por exemplo, a nossa linguagem, ficou muito tempo que a gente não conseguia identificar alguém que era falante, porque os próprios parentes tinham a resistência de falar uma palavra na nossa linguagem. Tinha a resistência de falar uma palavra na nossa linguagem, na presença de um jovem.

E a partir do momento que a gente teve a oportunidade de participar de um ritual sagrado dentro do território, junto com os anciões, a gente percebeu que a gente tinha muita coisa que estava conservada e outras coisas que estavam adormecidas que a gente precisava fazer esse resgate. Tendo como referência também o semelhante da Aldeia Pedra Redonda, que na época conseguiu também ter essa coragem de mostrar um pouco da nossa cultura, levar um pouco disso sobre as pinturas, a nossa história.

E aí a partir disso, com a luta do Cacique Rodrigão, Seu Valdemar da Prata, Seu Valdemar Xavier da Aldeia Barreiro Preto e outros líderes. Daí, tiveram a ideia de buscar, entre cacique e liderança, formas para, como buscar meios de comunicação, de se comunicar com outras pessoas lá fora para poder trazer grupo de professores para levar daqui e ter o estudo da faculdade e retornar para poder ensinar também aquilo que era da nossa cultura para repassar para os nossos próprios parentes.

Então, aqui a luta é um trabalho que é passado de geração a geração e precisava também que todos ficassem informados, porque quando vi um professor lá de fora para ensinar algumas coisas, tinha pessoas que eram mais focadas dentro da cultura a ter para estudar, para fazer as explicações, quando o professor lá de fora vinha. Falar de um pouco que era só conhecimento lá de fora, muito nosso povo aqui tinha dificuldade de se entender, se ter esse diálogo, porque quando ia falar eles só falavam mais de coisas que eram da nossa cultura e

para outras pessoas que era professor lá de fora, que se formavam lá para vir dar aula para nós. Quando nós íamos falar de coisas que era da nossa cultura aqui, era totalmente desconhecido e não tinha uma certa classificação daqui dessa avaliação do jeito que era nosso povo, então tinha que fazer a história da forma que estava no entendimento que estão nas escritas lá. Mas não falava muito sobre a nossa realidade.

E aí os caciques de herança, Rodrigão junto com outros companheiros e o pai Zé Conceição tiveram a oportunidade de participar do primeiro do primeiro seminário dos povos de Minas Gerais. Nesse primeiro momento tinha o pai José Conceição, tinha também o Eugênio Gomes, e umas quatro pessoas que participaram e foi lá quando eles trouxeram um documentário junto com outros parentes, que lá, os pessoal, os outros parentes lá, que eram Macha Calipa, e conseguiam identificar que o pessoal lá, eles conseguiam fazer as pinturas, e nós aqui não podíamos fazer as pinturas, porque aquilo que identificava que era falante da língua, que tinha sua prática cultural, aí tinha as ameaças dos próprios pessoal, que a televisão, vai começar a se ameaçar, através disso, o pessoal teve essa ideia de se formar.

Através disso teve essa ideia de se formar esse grupo para ter essa resistência. E foi onde que teve muito incentivo, porque até nesse primeiro seminário, até muitos parentes não sabiam que o Xakriabá era falante da língua materna. E foi lá que teve esse primeiro documento que o Xakriabá chegou lá, se fez os cantos tudo na linguagem, os rituais que fez lá, não teve um canto que foi no português.

E aí quando veio esse documentário, muitos parentes se interessaram para querer aproximar desse grupo que já tinha atual, mas que poucas pessoas dos parentes que tinham ali se faziam parte desse grupo. Era um grupo que era de 100 guerreiros e guerreiras, que dava condições para a resistência da luta. A questão territorial, saúde e a própria educação. Aí, foi onde que, através desse documentário que foi elaborado lá junto com os outros parentes, e aí foi, conseguiu fazer a formação de outros grupos, onde que Seu Melho, o Zé Alves, aí conseguiu começar a fazer a prática dentro do quadro escolar, mas nesse tempo não tinha contratação nenhuma.

Quando era dia 19 de abril, o pessoal se preparava um tempo antes, com alguns grupos, para no dia 19 de abril já começar a fazer as pinturas, fazer alguns cantos, o bater do maracá, e fazer algumas partes que era também da nossa tradição. E aí, a luta chegar ao ponto de aprovação, de levar grupos de jovens para fazer uma formação intercultural de educadores, foi no Parque do Rio Doce, e aí quando aprovou o grupo de jovens para fazer esse estudo, para estudar uma outra matéria, que era matéria portuguesa, matemática, e a ciência foi onde que foi pensado, entre castigo e consideração, porque nós não trazer um estudo da ciência que

envolve coisas que é da natureza, quando nós falamos da matemática, porque nós não fazemos, por exemplo, um trabalho da matemática indígena, e foi aí que foi surgindo. Ideia, junto com os caciques do Teirança, e aí foi identificado José Alves dentro desse grupo de formação de professores, um dos jovens guerreiros que também é um dos nossos mestres, Xakriabá. E aí ele era falante, na época ele identificou que era falante. Avó dele é irmã de minha avó também, e as duas eram falantes da língua.

E aí foi ele que fez esse apanhado com algumas coisas que a avó dele falava, tanto de história, dos costumes, de tradições, de linguagem. Fez o apanhado tanto em outras aldeias, junto com outros professores, alunos e professores que estavam lá, com jovens que estavam se formando também, e fizeram um apanhado em todas as aldeias. E aí, conseguiu fazer a escrita do primeiro vocabulário na palavra nativa, e porque a nossa linguagem nesse tempo ainda não tinha escrita, ninguém sabia como fazer a escrita, aí quando fez esse apanhado e os foi identificando como fazer um pouco dessa escrita da forma que o pessoal falava que ele ia fazer naquela escrita da forma que ele entendia, do jeito que achava correto que era feito essa escrita. E aí, quando apresentou esse vocabulário é quando eles retornaram que fez a apresentação e representou esse vocabulário que foi levantado de palavras dentro do território, na melhor forma.

E ele pensou também em fazer um grupo cultural em que outros jovens, até mesmo os professores que estavam estudando junto, com outros jovens que tinham vontade de aprender a nossa linguagem. Ele teve a ideia de se formar um grupo de 120 pessoas, entre homens, mulheres, principalmente a juventude, e aí na qual eu fiz parte também e comecei a aprofundar dentro da nossa linguagem. E aí, mais nesse tempo, ele trabalhava, o contrato era com outras matérias e ele tirava um período, era uma vez por semana, ele fazia um trabalho voluntário para passar mesmo esse conhecimento para que outros povos que conseguissem esse reconhecimento ajudassem a dar condições para um contrato de professores de cultura.

Então, a gente tem muito que agradecer o Zé Alves, porque ele fez esse trabalho no começo, foi voluntário. Aí começou a fazer esse repasso da nossa linguagem, a trazer pessoas das comunidades e os anciões para trazer no quadro escolar, para fazer os da fala, falar um pouco da história, e aí já veio a fala do artesanato, como que eram as práticas do artesanato. Ele veio ensinar também um pouco dessa tradição, dessa sobrevivência, como que era, falar um pouco também das comidas típicas.

A medicina tradicional, então isso se enriqueceu dentro do grupo que o Zé Alves conseguiu se formar. E a partir disso a gente fazia parte também e a gente foi pegando esse

ritmo e aí chegou um tempo que com tantas tarefas que ele se passava no dia a dia, foi se acumulando e ele tinha uma dificuldade de saúde com o tempo que foi preciso sair para o Mato Grosso por causa de um recurso, um trabalho que era um cuidado à saúde que era preciso, porque já não era coisa mais da espiritualidade que se resolvesse aqui no território.

Foi preciso sair do território para procurar outros meios de cuidar dessa saúde com outros médicos de fora e aí por esse motivo achei necessário. Aí eu já me interessei pegar essa responsabilidade e seguir para frente com esse ritmo do trabalho que eles vinham desenvolvendo, porém eu fazer o trabalho do meu jeito da forma que eu vinha pelo meu nascer de preparação do nascimento e pegando um pouco daquilo também que ele já tinha dado o andamento isso só somou para mim para o xaciabá. Então através disso eu não copiei o modelo da forma que eles vinham desenvolvendo suas tarefas, mas eu peguei o meu ritmo da forma que eu achava que era correto, mas primeiro eu fiz uma campanha fui nas aldeias e conversei com os anciões com os outros companheiros dos pajés. O atual Cacique Rodrigão, na época, e os representantes que já trabalhavam. E aí, eu falei dessa importância, que eu ia continuar com esse trabalho, o Zé Alves tinha saído, mas eu ia continuar com esse trabalho, para somar com aquilo que eu já tinha de conhecimento e repassar algumas experiências também que ele já tinha passado.

Então, como esse trabalho é passado de geração em geração, aí eu conversei com minha avó e muitas outras pessoas também que estavam ali para nos acompanhar, para dar essa força e esse apoio. E aí, por esse motivo, deu condições do Cacique Rodrigão, mais outras lideranças, buscar essa força de um contrato de profissão de cultura na época. Aí conseguiu oito vagas para professora de cultura. Foi quando começou o trabalho de professor de cultura.

E aí, quando começou o trabalho de profissão de cultura, eu já comecei já a reunir os alunos para as noites culturais, num momento como era liberar um contrato de primeira a quarta. Eu trabalhava de primeira a quarta no período de dia, de manhã e à tarde, e à noite, a gente se reunia alguns alunos maiores, que podiam vir sem a cumprimento dos pais e também os pais também, se tivessem vontade de fazer parte também, já vinha porque eu já convidava os caciqueiros de Deirantes e convidava também os anciões, e muitos que não estavam no quadro escolar, começaram a participar, era fazer treinamento das danças, os cantos, que era repassar a nossa linguagem através dos cantos, e aí nós. Começou assim. Aí veio a, quando foi no final do ano, veio a formação dos alunos. No final do ano, passar de ano, aí fizemos já as preparações com as oficinas das roupas de palha, de espenacho, e aí trabalhar com penas, os artesanatos guerreiros de penas e palha, e fazer os cantos para repassar nossa linguagem para os alunos. Isso foi no mesmo ano que a gente começou.

E aí por aí, quando teve a formação, a gente acompanhou, tiveram as apresentações, e aí aqueles alunos que fizeram parte da primeira formação, que conseguiram receber suas roupas de penágio, esses já não saiu fora mais do grupo. O grupo, a gente conversou com eles, o grupo permaneceu. A gente marcava, mesmo que não era dia de aula, a gente marcava, era fim de semana, tinha vez que nós marcavamos o período de manhã, que os alunos menores podiam participar, e já tinha vez que marcavamos o período da tarde, outras vezes a noite.

E aí, esse grupo cada vez foi ganhando força e vontade de se acompanhar, aprofundar mais nesses conhecimentos. Eles acharam interessante que eram coisas que eram nativos, eram as coisas que eram do nosso próprio povo, e aí se interessaram, e a partir disso, a gente viu que era possível também a gente marcar não só um período, mas que a gente pudesse, por exemplo, marcar uma noite inteira de ritual. Durante o dia, a gente começava com um artesanato, fazer um artesanato de páreo, de madeira, trabalho com pecinhas de madeira, e fazer as roupas e penais. E também ia definir uma equipe para se fortalecer também sobre as comidas típicas.

E aí no avesso a gente ia fazer um dia para buscar os remédios naturais, fazer uma banca com os remédios naturais e algumas coisas de comida típicas. A comida de banana, a taioba, a água da raedimbu, farinha da raedimbu, milho, frango moquiado, carne de tatu moquiado, bicho de caça que nós pegávamos, nós põe para moquiar.

Através disso, o pessoal se achou interessante, a gente fez os momentos rituais, que foi as primeiras noites culturais que fizemos lá em casa, depois passamos por casa de Dona Maria, a Maria Benedita, é uma companheira também que ela é parteira e ela abraçou essa casa junto com nós. Então quando a gente não fazia lá em casa, a gente fazia na casa dela, a gente começou. A cada oito dias a gente fazia essa noite cultural e aí tinha vez que os próprios companheiros já levavam um pouco de alimento, já faziam tudo junto ali, levavam canchiquinha, outros já caçavam, a gente levaram laranja e banana também ali nos horários dos intervalos para se lanchar, fazer cuscuz e através disso nós não paramos mais.

Então esse grupo, através desse grupo que a gente se formou na aldeia do Brejo, e aí a gente continuou várias vezes. Os caciques de liderança viu que estava dando certo e pediu para a gente continuar e eles começaram a participar, os caciques de liderança, a juventude de outras aldeias também começaram a participar e quando outras aldeias começaram a participar também, foi o momento que surgiu a ideia de se formar grupos em outras aldeias: Sumaré, Santa Cruz, Riacho do Brejo, Riachinho. E aí foi assim, aí ficamos dois anos com um grupo acolhendo outras pessoas de outras aldeias. Aí com dois anos surgiu a oportunidade de mais outros contratos de professores de cultura, e aí foi, o Pajé Vicente foi convidado para

fazer parte desse grupo, e aí, primeira coisa, ele veio na aldeia Brejo e conversou comigo se tinha como a gente acompanhar lá, como a gente já vinha acompanhando há um bom tempo, se tinha como a gente ir acompanhar lá para poder dar suporte e fazer essa chamativa para outras pessoas puderem participar também. Como era o primeiro ano que eu estava trabalhando, ele já vinha trabalhando há muitos anos de acolhimento, de cura, um tratamento natural, com muitas pessoas. Mas para trabalhar, atuar dentro do quadro escolar, era o primeiro ano.

E aí, na qual a gente começou, acompanhando, passei pelo mês, em seguida. Quando completou o mês, ele convidou pra gente levar o grupo da aldeia Brejo, na aldeia Catinguinha, e convidar outras aldeias, todas as aldeias pra fazer parte. Pelo menos um ou dois que se fizesse parte ali, se interessasse, se recontinuava também. E aí, a gente, na época, a gente conseguiu fazer combinado.

Só da aldeia Brejo, a gente levou um ônibus e um caminhão pra aldeia Catinguinha, e lá foi acolhido mais outras aldeias também, que tinham vontade de fazer parte. Através disso, se formou o segundo grupo da aldeia Catinguinha, e aí, aqueles participantes que participaram na Catinguinha junto com nós não saiu fora, continuou participando com nós e com a aldeia Catinguinha. E foi onde surgiu muitos grupos dentro do território, em cada aldeia se formaram. Sempre eles convidavam para a gente ajudar nessa formação dos grupos. E aí esse grupo foi crescendo. Uns precisavam sair para o corte de cana, outros saíram para a colheita de café. Aí foi mudando as pessoas, mas ainda aqueles que ficaram tiveram resistência. Os Caciques de Herança tiveram também dando esse apoio.

Hoje os Caciques de Herança se fortaleceram bastante. E tem dado esse apoio. A gente agradece muito os Caciques de Herança. Porque deu esse apoio, suporte, para nós ali, junto com os demais lideranças ali, para poder a gente continuar com esse grupo. Porque sabiam que também estavam dando um resultado. E aí eles começaram a participar e começaram a fazer algumas coisas. Dentro do grupo, os momentos meio que cediam um fogo ali, tinha os momentos dos cantos, das danças, durante a noite, mas também tinha os momentos de cada ancião se posicionando numa fala, dando essa força, um fortalecimento da espiritualidade ali que foi ainda que foi dada a oportunidade para muitos jovens seguir em frente com a luta, as lutas sobre a ocupação territorial, as lutas também em busca dos nossos direitos à terra, direito à saúde diferenciada, direito à educação diferenciada, então, antes eram os caciques, as lideranças que sempre se viajavam, a partir do momento que dormiam um cacique junto com os caciques, com os outros caciques que atuam, e as lideranças deu condições para o jovem. Jovem que faz parte do grupo viajam, muitos hoje tem como referência também

guerreiro da luta, que ajuda a responder também dentro de muitos setores para dar uma resposta para nosso povo xakriabá. Isso só tem mais que crescer, cada vez acredito que cada vez vai sempre se fortalecendo.

Hoje esse grupo da Aldeia Brejo, na qual eu faço parte, temos como base nos companheiros de Dilsim, Dona Vanda, Nemerson, Romildo, Izael, que ajuda também a compor esses cantos. Temos nossos companheiros Izael e Dilsim, e a maior composição de muitos cantos que tem dentro do grupo. Desses últimos tempos para cá, sempre teve essa contribuição deles. Nos primeiros momentos, tinha os companheiros também que sempre estavam juntos. E um deles que ajudou a compor alguns cantos também foi o Rânilson. Então, através disso, cada vez só somou o que a gente tinha de conhecimento e se foi se fortalecendo. Eu acredito que a partir de hoje, a partir de agora, cada grupo que tem hoje tem suas referências, mas também foi nascido da Saúde Kamārakon. Então, é isso. O que a gente puder, a gente fala mais, mas queremos mais é agradecer e dizer que estamos aí para somar.

Dentro do grupo também, a gente orienta os grupos, tanto o grupo Camorâmocon e outros grupos também. A gente orienta dentro das noites culturais muitas coisas importantes. Quando faz a passagem de um guerreiro ou guerreira que é de referência ao nosso povo xacriabá, tem o tempo de fazer os nossos cantos. Quando não se pode cantar um canto mais de encantado, a gente faz um canto ali que ajuda a fortalecer a espiritualidade. Temos também os cantos que quando não pode fazer seu ritual de bater o maracá, de fazer uns cantos mais que envolvem encantados, que têm algumas manifestações, mas também são cantos que ajudam a fortalecer dentro da espiritualidade. Para a busca daquilo que é necessário de trazer um bom resultado para nosso povo.

E por isso, a gente pensou também nessa formação desse grupo, trazer alguns instrumentos para também fazer a prática dos cantos, que chamam-se canto festival, porque o festival vem um canto que ajuda nesse fortalecimento. E aí tem os cantos que a gente não pode cantar. Quando eu falo essa alguma pessoa, por exemplo, se fala de ser um pajé, dentro do Xakriabá a gente fica um ano sem bater o maracá e sem fazer os cantos que falam de encantados, o que a gente não faz. Os cantos que falam sobre bater o maracá, que falam sobre a jurema, que falam sobre encantados, se não é alguns encantos, caboclo, e aí a gente deixa mais conservado. E aí nesse momento que a gente não pode fazer. Tem outros cantos que é mais leve, que se fortalece e ficam uns conservados para mais na frente.

Quando morre uma pessoa, um jovem, se não estiver fazendo parte desses rituais, a gente tem a conservação de 30 dias sem bater os maracás, sem cantar os cantos fortes. E aí, nesse período que a gente não pode bater o maracá, a gente continua sempre com o momento

desse festival, que é um canto mais leve que pode usar algum instrumento, pode usar o violão. E aí, para repassar esses informes e repassar também algumas práticas que é nossa e outras coisas que também da nossa cultura que ficou um pouco adormecida, tem as noites culturais que eram noites culturais rodizio. E aí ficaram... nessa organização. Das noites culturais rodígidas do Xakriabá, fico eu, daí do Xakriabá e o pajé, e a visita de Xakriabá.

E agora, como o Pajé Vicente fez essa passagem, não completou uma ano ainda e tem alguns cantos que a gente não pode fazer. E ficamos uns seis meses sem fazer, de quatro a seis meses sem fazer as noites culturais de rodízio, mas agora a gente já deu início, já fizemos já duas noites culturais e a gente vai continuar essa noite culturais que é rodízio, um orando em uma aldeia, outro orando em outra, tem que circular esse círculo, circular até chegar onde a gente fez a primeira noite culturais. Então, é uma forma que a gente deixa claro que quando o Xakriabá não pode participar dos nossos rituais, é porque alguma pessoa de referência fez essa passagem. E se nós fizermos o canto também nesse tempo e não chegar ao tempo certo, isso puxa muita geração. Faz passar de mais outros guerreiros ou guerreiras sem de puxar algum canto pesado tem as manifestações e ai chega se baixa, se aproxima, se incorpora e pode correr a vez de mais pessoas fazer a passagem da sua oramento de mais pessoas que tenham doente fazer a passagem mais rápido então é isso, obrigado.

Nemerson Xakriabá (Psêkwa):



Meu nome é Nemerson Gonçalves de Araújo, do território xakriabá, atualmente residente aqui na Aldeia Brejo mata Fome, desde quando eu nasci eu moro na Aldeia Brejo Mata Fome. Eu não fiquei sabendo como foi o começo da existência do grupo, pois, é uma coisa assim que a gente já vem desde pequeninho, também participando dos momentos culturais aqui do nosso povo xakriabá. A gente vem vivenciando desde pequeno só.

Essa história do grupo, essa história do povo xakriabá, a cultura mesmo em si, a gente sabe que foi muito desafio que o nosso povo passou. Antes daí não podia mostrar a cultura, porque tinha muita perseguição, mas a partir do momento que o pessoal começou a levantar a cabeça e começou também a lutar para manter esse reconhecimento como povo Xakriabá, como indígena mesmo, foi muita resistência dos nossos povos, dos nossos antepassados.

Para que a gente conseguisse se manter firme e forte no nosso território, muita luta foi travada, muito sangue foi derramado e a cultura vem em primeiro lugar. Quando se fala de cultura, de grupo cultural, envolve tudo isso também. Envolve música, envolve espiritualidade, envolve a história do povo. O pessoal que participa desses grupos só tem a ganhar na vida, na vida tanto pessoal quanto espiritual. Também motiva muito os jovens a seguir firme e forte, como nossos antepassados vinham seguindo, buscando nosso grupo cultural.

A aldeia Imbaúba também é uma referência muito grande para todo o nosso povo xacriabá. A questão da música por exemplo, grande parte são composições do grupo Kâmrãmkô Awrãwdê, são aceitas e praticadas pelo nosso povo e de certa forma representa todo nosso povo Xakriabá, por isso a gente fica muito feliz em participar desse grupo desde pequeno, seguindo a tradição desde nossos pais até os nossos filhos também.

A gente quer que segue nessa mesma linha, como a gente seguiu, começou de pequeno, então a gente vai morrer na cultura, sempre mostrando nossa identidade, nossa cultura, nossos cantos, aonde quer a gente vai a gente tem que mostrar que a gente é originário.

Apesar de muita luta que teve antes, mas hoje a gente vai morrer na cultura, a gente fica feliz. A luta também não para, a gente só muda de forma de luta. Então, o que a gente puder mostrar fora, aqui dentro do nosso território, e trazer mais gente para estar participando também desse momento cultural, dentro do nosso povo, para nós é uma fortaleza muito grande. A gente se sente em outro mundo quando a gente está cantando a música, a gente está participando do nosso ritual na beira da fogueira, no lugar sagrado, onde que a gente tem muita referência. Muita referência na série da Funai, onde que até a família do nosso Cacique, o Saudoso Rodrigão e é onde reside também o atual Cacique Domingos, a referência pra nós, sendo da Aldeia Brejo. Também é com os cantos novos, com os cantos antigos, que dá fortaleza pra nós. Quando a gente tá no cantando que arrupia a pele, né? Que a gente arrupia mesmo e é bom demais. E é isso aí, irmão.

O grupo é uma escola fora da escola. Por quê? Porque ali a gente não vai estar estudando em quatro paredes, mas a gente está estudando a forma de vivência, a gente está aprendendo cada vez mais. Quando o mais velho está junto com a gente, a gente aprende uma forma de dialogar com eles, uma forma de respeitar, uma forma de a gente estar se engajando cada vez mais na cultura do nosso povo. Quando a gente vai contar as histórias dos tempos antigos, dos tempos passados, a gente vê que não era fácil, não é fácil. Então a gente procura prestar bastante atenção no que eles estão falando para a gente, na história que estão contando, para a gente também seguir nessa linhagem e repassar também as suas histórias por nossos filhos. Tem um sozinho, mas depois eu tenho mais. Mas é isso aí, é muito importante também acompanhamento dos papais, das mamães, dos mais velhos, a gente ouvir certinho e seguir naquela linha ali, para que a gente se torne uma pessoa melhor, uma pessoa de referência na parte cultural. E o que a gente faz lá no grupo é o que eu faço, eu sou mais da parte da musicalidade, da cantoria, eu que sou muito de cantar, aqui na Cula a gente faz um engracado também para ficar animado, para trazer mais gente também, mas na parte quando é sério a gente está lá pronto para participar na seriedade.

Então, falando de situação que foi marcante para a gente, eu acho que assim, cada encontro que a gente tem, cada um é uma história diferente, porque a gente sente muita emoção, muita inspiração, muita alegria. Então, cada encontro que a gente tem é marcante, porque ali está a cultura de cada um, cada um está com a sua espiritualidade forte, então é a alegria demais, não tem um momento específico para dizer que foi mais marcante, mas digo,

falo aqui que todos os encontros são marcantes, porque cada encontro tem uma história diferente, é muita alegria que a gente sente de estar ali conversando. Cantando, praticando nossa ancestralidade, contando as histórias, então cada encontro é marcante. Só quem vai lá e participa dos encontros que vai sentir isso, então é desde já convidar todos, todos para participar, mostrar a cultura que tem dentro de você, cantar os cantos com vontade, soltar a voz, então é isso aí, eu procedi.

Kaktôkárê Xakriabá



Na verdade, a gente já nasceu vivenciando isso: a cultura nos corações da gente. E a partir do momento que você nasce ali na TI, que você é um indígena, você já nasce com a cultura na sua alma, no seu coração. E daí então, os pais da gente, os avós com os mais velhos ali, só orientam a gente a praticar. Os dias que vão passando, de acordo com você vai crescendo, isso aí vai aumentando, você vai buscando mais conhecimento da cultura, que é uma coisa ali permanente, que instala muitos sabedores, que vêm de nossas ancestralidades. É um momento bem bacana ali, bacana demais no momento cultural que a gente está fazendo. E tipo, na verdade a gente já nasceu conhecendo já das existências, dos grupos, atravessando. A velha dos mais velhos, incentivando a gente, a gente já conhecia. Portanto, assim, a cor de gente vai crescendo, a gente começa a praticar junto com os nossos parentes. Os guerreiros aí, os jovens aí, interagindo mais na cultura, que tem que ser. Se a gente é indígena, a gente tem que praticar a nossa cultura de um modo que é mais bonito. Que é o bonito que eu falo é você praticando pintura, demonstrando ela de um jeito, de modo que dá para os nossos parentes entenderem que a gente ali vive permanente na cultura ali, conhecendo mais a expectativa boa da cultura, um ensinamento dos ancestrais. E de acordo a gente vai praticando cada ano, a gente vai conhecendo mais, sabendo de mais existência dos antepassados que lutaram, que até hoje continuam lutando, dos que derramaram. Para que nós conseguíssemos

existir. E foi através de histórias culturais, das lutas que eu fui conhecendo as existências de cada grupo, de cada aldeia, e de onde vem os fortalecimentos. Cada grupo, cada aldeia é um fortalecimento para um povo só. A força é uma só. Por mais que os grupos sejam divididos nas aldeias, mais a força que eu nele dentro do corpo da gente é uma só. A espiritualidade é uma só que vem ali, dando força para cada um de nós guerreiros e guerreiras naquele momento.

O grupo pra mim é importante porque ali vai elaborar tantas energias positivas que você aprende ali com os mais velhos, ensina tantas coisas boas relacionadas à cultura, relacionadas à luta, que a cada ano que for para que vai passando, as forças, as trajetórias de luta, de história ali, você vai aprendendo. E a gente acha importante porque ali você vai mantendo os conselhos dos mais velhos, dos pais como uma aula, só que porém ali você está estudando uma matéria que fala da sua convivência na aldeia, uma matéria que envolve a espiritualidade, que você tem que saber como devemos representar ela de uma forma boa, que é demonstrar a nossa cultura de onde a gente for, a gente tem que carregar ela nos nossos corações. Dependendo de tudo, a gente está firme e forte na luta, ali, em momentos culturais, levando aquela boa convivência com os nossos parentes, mostrando a beleza do Brasil, porque a beleza do Brasil é nós, indígenas mesmo, que o que enfeita o Brasil é o coca, na verdade.

Isso é o que a gente tem que levar nos nossos corações, porque há muito tempo o Brasil era convivido por indígenas e a gente tem que saber essas histórias para passar para os nossos filhos daqui um tempo, porque a gente vai precisar da nossa juventude daqui um tempo. Hoje eu me vejo como um jovem, mas daqui um tempo vai ter mais jovens além de mim. A gente tem que passar os conhecimentos também, tem que buscar aprender logo agora os jovens para, quando a gente ficar mais velho, a gente passar para a juventude que tem para vir na nossa aldeia, passar ali como foi a luta. Como aconteceu, ensinar a maneira mais expressiva de aprender a cultura, assim como eu aprendi com os mais velhos, meus avós, pais, professores de cultura também. E a gente agradece a cada um, que ensinou a gente que dá o dê, a gente agradece diretores, agradece aí todos os professores de cultura, que incentivam a gente a praticar nossa cultura cada dia, cada momento, cada dia que passa, cada dia que você vive no seu dia a dia, você tem que participar, elaborar uma coisa cultural, que se torna a marcar o nosso retorno de vida de cada um de nós. E é isso.

Eu quis participar do grupo, na verdade não é o porquê eu quis participar, a verdade é que a gente tem que participar, a gente se vê como indígena ali, você tem que participar da sua cultura, você tem que colocar ela no seu coração de uma forma ali que você entende ela bacana, que é ser participando ali, que cada um que chega a ver quer participar não tem jeito,

porque é boa a minha cultura, e no momento que você está naquela espiritualidade ali, você quer participar assim, eu desde uma criança, que eu sempre fui por dentro da cultura, sempre quis participar, e estou participando e continuarei participando cada dia, e a gente interagir assim, ser um membro de um grupo cultural é muito bom que você está representando ali sua verdadeira identidade, que é você ser um índio.

Que na verdade a gente é o povo originário do Brasil e a gente interagir no momento cultural a gente só traz mais força, só mais vontade, só mais vontade mesmo de querer participar. Porque a gente participa porque é uma hora que a gente lembra dos antepassados, das histórias. Agora eu falei das histórias que os mais velhos contam pra gente, ali você vai buscando mais conhecimento, você quer aprofundar mais naquele conhecimento pra tentar aprender de alguma forma como foi a luta dos antepassados. E que até hoje a gente tem que relembrar a luta dos povos que já se ancestralizaram e deixaram pra gente que é jovem. E hoje eu incentivo a juventude até aqui da minha aldeia, todos os indígenas pra praticar a cultura, chegar a se interagir com nós do grupo. Está em aberto para quem quiser participar, jovem indígena aí, para todos os parentes que querem participar, e eu já nasci deste jeito, dessa vontade de participar do grupo. Assim que eu entendi, de quando eu me entendi por gente, que eu fui conhecendo mais a cultura, participando ali, ali com os meus parentes ali, a gente dá a vontade da gente só, aumenta a participar dessa coisa boa, maravilhosa que existe aqui no nosso aldeio, no nosso momento cultural, que cada momento cultural que a gente faz ali é bom demais, é um momento muito rico, de espiritualidade ali, de força, de muita alegria. Todas as forças, alegria e mais querer para você participar ali do grupo, dos cânticos, que é através da dança do tântico que se faz, gerando mais força e mais vontade, mais querer, mais vontade de lutar, para querer ali uma boa convivência.

O que eu aprendo ali no grupo, o que eu aprendo, na verdade, a gente aprende ali a boa convivência com os mais velhos, respeitar cada um parente, que a gente vive assim, incentivado por os nossos professores de cultura, diretores de escolas, cacique, liderança, que incentiva a gente, respeitar a cultura de uma boa forma, e cada um parente daqui, da nossa aldeia, e assim, para interagir, a gente aprende a interagir com os outros demais ali, aprende ali muitas coisas boas, muitas energias positivas ali, seguindo o coração da gente. É um momento de espiritualidade muito rico para nós, muito importante, a nossa espiritualidade na que ele vem a fortalecer, é o espírito de cada um guerreiro. Que está nesse momento, e a gente vive assim, buscando sabedoria, e a gente aprende muitas coisas boas envolvidas, que ali a espiritualidade te ajuda, te dá um bom aquecimento para você, a gente aprende muitas coisas, cânticos novos que vão surgindo na aldeia que os nossos guerreiros vão compondo. As músicas

a gente vai aprendendo ali naquele momento, a gente vai aprendendo a interagir também de um modo assim, de um modo assim mais, mais elevativo assim da nossa vida, a gente consegue interagir bem com os demais, o que a gente aprende ali no grupo ali, a gente vai conseguindo interagir ali com os mais velhos, com os envolvidos, crianças e adolescentes, que a gente aprende tantas coisas boas que ficam no coração da gente pra vida inteira. Para onde você carrega aquele conhecimento, que é o trajetório que você aprende ali num momento ali, naquele grupo, e é um momento muito bom, de extrema importância para cada um de nós, que fica na história do nosso povo.

Todos os momentos culturais que eu participo, todos os movimentos culturais que você está interagindo, são marcantes. Ali você vive muita espiritualidade boa. Tudo que você vive baseado na cultura é marcante, se torna marcante na vida da gente, se torna ali um ato de força, de experiência cada vez mais ali na vida da gente. O que a gente aprendeu ali com os mais velhos, interagir, o que a gente aprendeu ali é um cântico, ou seja, dialogar uma coisa cultural ali de uma forma mais fácil, aí já se torna marcante na vida da gente. É um momento marcante, bem marcante mesmo, na minha vida cultural mesmo.

Eu falo por minha formatura, formatura do terceiro ano foi ali um momento que foi marcante na minha vida. Deixou saudade e foi um momento que tava todo o meu grupo interagindo, o grupo que eu participo, interagindo ali na minha formatura. Ali foi um momento bem marcante, que através de cânticos ali e apresentações. Que ali foi bem marcante no momento que meu grupo apresentava. E eu falo que foi marcante porque, assim, foi uma coisa bem bonita. Na verdade, todas as formaturas que fazemos aqui foram bonitas, mas a minha marcante foi a da minha última formatura de terceiro ano. Foi marcante, que foi onde eu fui, citou, fiquei o último, a pegar o diploma, aí pra me acompanhar foi meu grupo inteiro, pra pegar meu diploma junto. Isso foi marcante e ao mesmo tempo emocionante também, que ali se eleva. A vida inteira aquele momento.

Cada vez que a gente lembra, parece que a gente está participando naquele momento de novo. Parece que se torna a voltar naquele mesmo momento. E foi um momento bem marcante, que foi também ali de onde surgiu a minha primeira música. E hoje eu também sou um dos compositores de música do Xakriabá. Foi um dos momentos marcantes também, que ali foi onde elaborou a primeira música, onde a gente mostrou o conhecimento, o que aprendemos com as imagens, o que a gente aprendeu com as pesquisas dos professores de cultura, dos entendidos ali. Ali foi um momento bem marcante, a gente aprendeu tantas coisas boas da cultura. E ali na minha formatura, a gente demonstrou de uma forma bonita. Na minha vida, na vida de cada um, membro do grupo de cada um, Shakir Aba.

É uma história que deve ficar na memória e nos corações da gente. Eu costumo dizer que os momentos culturais que passam, eu não guardo eles no meu coração, porque o coração um dia para de bater, eu guardo eles na minha alma, porque ali você vai levá-lo para a vida inteira. Ali a gente faz na espiritualidade e você busca tantas coisas boas, e ali vem a renascer só força e muita alegria. E isso é um momento marcante na vida de cada um Xakriabá. E isso foi o momento mais marcante entre o grupo aí e de todos os xakriabá.

Considerações finais

Apesar de fazer parte do grupo **KÂMRÃMKÔ AWRÂWDÊ** e estar presente no dia a dia dessa história que construímos juntos, fazer este trabalho me fez escutar a maneira como cada um participa do grupo de maneira mais atenta. Percebi que o grupo é um lugar de força para cada um de nós e por isso ele fortalece todos nós, o povo Xakriabá. Nas falas de cada um dos participantes podemos escutar que esse espaço do grupo é um espaço importante para os Xakriabá retomarem cada vez mais sua cultura e ampliarem sua relação com o território.

No início, eu queria fazer um filme registrando a fala de cada uma das pessoas que participa do grupo e registrando os rituais. Mas, acabou não dando tempo. Eu fiz muitos registros para fazer o filme, que servirão para mostrar para os mais novos, para as crianças e adolescentes. E, mais pra frente, quero ainda fazer esse filme.

A importância de registrar as práticas do grupo, seu cotidiano e seus rituais, tem a ver com a possibilidade da gente não perder de vista essa história e reavivar cada vez mais nossos cantos, nossa língua, nossos encantados, nossas imagens e, com isso, fortalecer nossa presença no território. Durante muito tempo tivemos que esconder nossa cultura, não podíamos falar nossa língua e nem dizer que éramos indígenas. Mas, o caminho que queremos seguir é o caminho da retomada de tudo aquilo que ficou escondido por uma necessidade de sobrevivência. Hoje a nossa resistência tem a ver com mostrar quem somos e como vivemos no nosso território.